

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

CRIANDO UM NOVO CORO: ESTUDOS
E RELATOS DE EXPERIÊNCIA

MATHEUS FARIA

RIO DE JANEIRO
2019

MATHEUS FARIA

Criando um novo coro: estudos e
relatos de experiência

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Instituto Villa-Lobos do
Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Música, sob a orientação do
Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo.

Rio de Janeiro, 2019

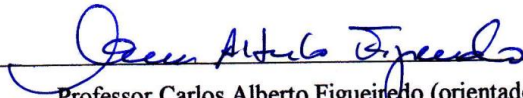


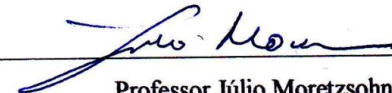
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA Instituto Villa-Lobos - IVL
Curso de Licenciatura em Música


“Criando um novo coro: estudos e relatos de experiências”
por

Matheus Faria de Melo

BANCA EXAMINADORA


Professor Carlos Alberto Figueiredo (orientador)


Professor Júlio Moretzsohn


Professor José Nunes Fernandes

Nota : Dez 10

DEZEMBRO DE 2019

MELO, Matheus Faria de. *Criando um novo coro: estudos e relatos de experiência*. 2019. Monografia (Licenciatura em Música). Instituto Villa Lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as ações para se iniciar um grupo coral. Para tanto, foi feita, a princípio, uma revisão bibliográfica a partir de estudos que dão destaque a este tema. Suas abordagens foram estudadas e comparadas entre si. São também apresentados dois relatos de experiência: a criação de um coro em uma escola particular por mim mesmo, e a criação de um coro numa escola particular pelo Prof. Júlio Moretzsohn, professor de Regência Coral da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Este último foi dividido em dois momentos, onde o primeiro trata de uma entrevista semiestruturada com o professor. No segundo momento, foi feita uma síntese sobre a minha vivência, acompanhando desde o início o segundo coro criado na mesma instituição, com o mesmo regente, a fim de acrescentar maiores detalhes e informações sobre o estudo no segundo relato. Tais relatos também passam pelo mesmo processo de comparação como as bibliografias anteriores. Por fim, a discussão gerada nesta pesquisa é apresentada e examinada, comparando as ideias dos estudiosos citados e as vivências que serviram como base, destacando esta questão em ambientes escolares e observando o processo de criação de um coro nas escolas com base em determinadas visões e pensamentos.

Palavras-chave: Criação de coro. Educação musical. Canto coral.

Sumário

	Página
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1 - ESTUDOS	11
1.1 Mike Brewer	11
1.2 Cibele Sabioni	12
1.3 Jetro Meira de Oliveira	13
1.4 Emanuel Martinez	16
1.5 Análise e comparação	16
CAPÍTULO 2 - RELATOS DE EXPERIÊNCIA	19
2.1 A formação do novo coro centro educacional Pequena Cruzada de Santa Therezinha do Menino Jesus	19
2.2 A formação do segundo coro na mesma instituição	20
2.3 Minha experiência no Colégio João XXIII	21
2.4 Comparação entre as duas experiências	23
CAPÍTULO 2 – COMPARANDO ESTUDOS E EXPERIÊNCIAS	25
3.1 A experiência no colégio João XIII e os estudos apresentados	25
3.2 A experiência do professor Júlio Moretzsohn e os estudos apresentados	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE – ENTREVISTA COM O PROF. JÚLIO MORETZSOHN	32

INTRODUÇÃO

Aos 19 anos, tive meu primeiro contato com o canto coral. Desde então, meu interesse por esta prática só aumentou até ao ponto de eu querer ter o meu próprio coro. Quando entrei na graduação em música do Instituto Villa-Lobos (IVL) da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e comecei a trabalhar nesta área, tentei criar meus primeiros grupos de canto coral. Com isso, vieram a mim uma série de dúvidas e algumas dificuldades que me fizeram refletir sobre a prática do canto coral.

Antes de tentar formar o meu próprio grupo coral, as minhas experiências e vivências com esta prática foram, em grande parte, muito ligadas a apresentações e estudos de repertório. Por esta razão, o significado de coro, a meu ver, era bem claro e simples: seria um grupo de cantores que preparam um repertório para uma performance sob a orientação de um regente. No entanto, esta visão inicial pode ter contribuído para as minhas dúvidas e dificuldades que surgiram posteriormente.

Devo dizer que, ao querer iniciar esta atividade, não tive muita orientação ou materiais, como livros, métodos, vídeos, etc., que me ajudassem na formação do meu próprio coro. Desta forma, meu trabalho foi-se estruturando baseado naquilo que eu já havia vivido. Na faculdade de música, convivendo com ótimos regentes e professores, aos poucos fui abrindo meus olhos para além do que eu já conhecia sobre canto coral, o que me fez atentar à algumas questões como: Qual é a função do meu coro? Como devo iniciá-lo? Qual é o papel do regente? Qual é a importância de eu conhecer o meu grupo? Como desenvolver os cantores? Como devo trabalhar? Quantas pessoas deve haver no coro? Qual a idade mínima? Quais os equipamentos necessários? Como obter um bom som?

Embora minha visão tenha se tornado mais ampla e meu entendimento um pouco mais claro, as dúvidas aumentaram e, com elas, aumentou também a minha necessidade de organizar os pensamentos e ter algo que pudesse me ajudar com a formação do meu próprio grupo.

Na busca de orientação de professores experientes, apresentei minhas questões, e dentre elas, estava uma que era a mais pertinente na minha mente, a qual seria: “o que é preciso para começar um coro?” Fiz esta pergunta àquele que veio a ser meu orientador nesta pesquisa, e o mesmo me respondeu, com muita simplicidade, e sorrindo, que "a primeira coisa para começar um

coro seria ter pessoas para cantar". De início, eu achava isto algo tão óbvio que nem pensava muito a respeito. No entanto, Sabioni, ao falar sobre como formar um coro, apresenta como uma de suas primeiras abordagens:

Quando surge a ideia de se formar um grupo coral na comunidade é preciso convidar as pessoas a participar da cantoria. Para isso é necessário que seja divulgado o convite para a participação no coro, indicando o dia, o local e o horário estabelecido para estes encontros. A utilização das mídias digitais como o *facebook*, o *instagram*, das mídias impressas, da rádio e TV e o boca a boca, poderão colaborar com a divulgação para a formação do grupo (SABIONI, 2019, em linha).

Para Barreto, “a formação de um coro tanto depende de uma iniciativa individual, ou de grupo interessado num assunto, como da determinação de autoridade superior” (BARRETO, 1993, p.61). Ou seja, a formação de um coro pode se encontrar em outra realidade, como, por exemplo, um coro de empresa que já tenha um grupo para cantar e então só precisaria de um regente para começar os ensaios. Neste caso, a divulgação e o convite para se ter cantores não seriam necessários para começar o coro. Assim, esta preocupação com a participação de cantores para iniciar um coro poderia ser o primeiro passo para começar um grupo coral?

Sem dúvida, pensar em ter pessoas para cantar foi uma de minhas preocupações, principalmente depois de refletir mais sobre o assunto. Entretanto, outras questões podem, talvez, ser também tão pertinentes quanto essa, em determinadas situações de criação de um coral.

Segundo Barreto, “para formar o coro é necessário um grupo razoável de cantores, podendo entoar em conjunto música em uníssono, cânon ou partes diversas, dispondo de vozes de timbre agradável e justas” (BARRETO, 1993, p.61). Além de comentar sobre a quantidade de cantores, a autora também apresenta outros elementos que fazem parte da formação de um grupo coral. Esses elementos eram parte das minhas preocupações nesse sentido. Pensar em um grupo que possa entoar em conjunto música em uníssono, por exemplo, me fez pensar sobre a importância do canto em uníssono que veio a influenciar na escolha do repertório. Sobre o canto em uníssono, Figueiredo diz:

Cantar em coro é sempre cantar em uníssono. Parece estranho dizer isso, quando a maior parte das obras feitas por coros é a duas, três e mais vozes. Não podemos perder de vista, porém, que cada cantor - soprano, contralto, etc. - canta em uníssono com seus colegas de naipe. Assim sendo, a busca de um perfeito uníssono é um passo importante em qualquer etapa de um ensaio, um ideal. Falar em uníssono significa enfatizar, antes de tudo, a afinação perfeita, que deve

passar, necessariamente, pela emissão igual das vogais, essenciais na formação do som de um cantor. Significa, também, a emissão das articulações das notas no momento absolutamente preciso, o que toca, também, na questão da emissão das sílabas que estão sendo cantadas, com o cuidado especial com as consoantes, elemento articulador por excelência. Significa, finalmente, a fusão ideal dos timbres dos diversos cantores envolvidos, passo muito difícil, não só tecnicamente, mas também pela necessidade do cantor saber dosar entre o dar mais de si e o ceder. (FIGUEIREDO, 2010, p.8)

Esse autor apresenta uma série de questões que caracterizam a importância dessa maneira de cantar. Com essa visão, percebi que esse fato talvez não fosse algo tão simples quanto eu achava, pois, o canto em uníssono também exige uma execução com excelência, o que requer então um trabalho mais detalhado. Diante de tal perspectiva, pensei em iniciar um coro reunindo pessoas, para que pudessem cantar em uníssono, entendendo, assim, que as pessoas tivessem que ter um preparo para alcançar as exigências para cantar dessa forma. Logo, uma das minhas maiores preocupações não seria apenas de ter pessoas para cantar, mas sim de que essas pessoas pudessem cantar com certo nível de excelência.

Ter pessoas para cantar talvez não possa ser um problema em algumas situações, como visto anteriormente. No entanto, cantar bem (em uníssono, neste caso) pode ser um fator indispensável para qualquer grupo de canto coral, pois, como diz Zander:

Na prática do canto coral, a educação da voz em conjunto deveria ocupar um dos primeiros lugares, senão o primeiro. Só um instrumento com um bom som pode transmitir satisfatoriamente uma música. O mesmo acontece com o coro. Deve ter boa sonoridade para agradar (ZANDER, 2003, p.198).

Em concordância com Figueiredo e Zander, uma de minhas primeiras preocupações seria pensar na preparação e educação das vozes dos cantores, para se obter uma boa sonoridade.

Oliveira, mencionando alguns tipos de coro, coloca alguns objetivos de determinados grupos, onde o autor diz, por exemplo, que “o objetivo de um coro de igreja seria participar da liturgia, não tendo um propósito artístico primário” (OLIVEIRA, 2016, p.27). Como vemos, apesar da boa sonoridade ainda ser algo indispensável, não seria, segundo ele, a prioridade deste grupo. Ou seja, sua maior preocupação estaria na participação na liturgia. Assim, a preocupação de se pensar na sonoridade e educação vocal poderia ser o primeiro passo para começar um coral?

Este autor discute sobre outros grupos corais. Ele próprio diz que “existem diferentes tipos de coral que podem ser classificados por faixa etária, objetivos e tipo de repertório. Sendo assim, o primeiro passo para se começar um coral é determinar o tipo de coral desejado” (OLIVEIRA, 2016, p.27).

Entender os vários tipos de grupo coral me ajudou bastante no sentido de ter uma direção e poder definir quais seriam os objetivos, quem seriam os cantores, qual será o repertório, entre outras questões bem pertinentes. No entanto, Brewer, ao se referir a grupos corais, diz que, “Qualquer grupo de pessoas – esteja em uma sala de aula ou não – torna-se um coro quando se juntam para cantar” (tradução nossa).¹ (BREWER, 2001, p.6). O mesmo também diz que “Você também tem a opção de formar um coro seletivo, utilizando voluntários ou escalando uma equipe (tradução nossa)”²(BREWER, 2001, p.6).

Complementando, o mesmo autor sugere “envolver todos na atividade de canto, incluindo alunos relutantes, instrumentistas que entendem as intenções, e pessoas com dificuldade de aprender. (tradução nossa)”³.(BREWER, 2001, p.7). Ele propõe uma ideia mais ampla e inclusiva, onde, como visto anteriormente, qualquer grupo de indivíduos pode se tornar um coro, desde que estejam juntas para cantar. Neste caso, um grupo específico de coro não se faz necessário para começar essa atividade, já que, segundo ele, podemos formar um grupo com qualquer tipo de pessoa. Entretanto, Brewer ainda ressalta: “Não misture idades muito discrepantes – elas precisam de diferentes abordagens e riam de diferentes piadas (tradução nossa)”⁴ (BREWER, 2001, p.6).

Apesar de constatar a existência de diferentes tipos de coro, e perceber como isso pode ser importante e ajudar em minha vivência, além dos comentários de Brewer, observei alguns grupos corais sendo formados sem necessariamente ter uma definição muito específica: tinham diferentes idades, com diferentes músicas no repertório e vários objetivos (artísticos, educacional, descontração...). Para começar um coro, então, seria ideal definir um grupo específico?

Embora as questões sobre definir um tipo de coro ou não sejam pertinentes, há uma questão em comum, a qual influencia na especificação de um grupo. Tal questão se apresenta tanto nos

¹ Any group of people – whether in a school class or not – becomes a choir as soon as it sings together.

² You also have the option of forming a selective choir, using volunteers or picking a team

³ Involve everyone in singing including the reluctant pupils, instrumentalists who don't see the point and people with learning difficulties

⁴ Don't mix age groups too widely – they need different approaches and laugh at different jokes

argumentos de Oliveira quanto de Brewer, a qual seria a organização de um coro com idades muito discrepantes.

Outra das grandes preocupações que vinham a minha mente antes de começar um coro era sobre mim mesmo, ou seja, o próprio regente. Sobre o regente, Figueiredo diz que:

A diversidade resultante da heterogeneidade dos integrantes de corais gera complexidade, pois são muitos os conceitos musicais a serem desenvolvidos pelo regente, que deve estar preparado para assumir esta função. Esta preparação do regente tem sido assistemática, de um modo geral, e o resultado desta assistematização [sic!] se reflete claramente na trajetória dos corais. Existem casos de regentes de certas comunidades que outorgam aos filhos, e aos filhos dos filhos, o direito de reger o coral da comunidade. Há regentes cuja única formação é a experiência de cantar em coral: após alguns anos de prática como cantor, assumem a liderança do grupo e se tornam regente. Existem também regentes que se formam em escolas de música e universidades. Tal situação produz uma ideia equivocada do conhecimento necessário no que se refere à prática coral, não havendo uma sistematização que aborde a problemática coral de forma efetiva. (FIGUEIREDO, 1990, p.1).

No tocante à formação do regente e sua importância, Figueiredo diz que

é impensável, nos dias de hoje, que um regente coral não tenha uma boa formação musical, envolvendo solfejo, treinamento auditivo, harmonia, análise musical, domínio de um instrumento e outros itens comuns a todas as atividades musicais. (FIGUEIREDO, 2010, p.5).

Ou seja, ambos os autores consideram importante o regente ter uma boa formação.

Assim, Figueiredo (2010) cita alguns elementos que envolvem a boa formação de um regente. Porém, nesta formação, Fernandes ainda acrescenta a questão do preparo vocal, dizendo que: “o regente é, em geral, o primeiro e único professor de canto dos cantores de seu grupo. Por isso é preciso assumir a responsabilidade de instruí-los tecnicamente” (FERNANDES, 2006, p.54).

Ainda falando sobre as habilidades da regência, Oliveira diz que:

a arte da regência engloba aspectos amplos de conhecimento musical, cultura geral, habilidades interpessoais e de coordenação motora, e acima de tudo a capacidade de inspirar cantores, amadores ou profissionais, a darem o seu melhor no trabalho do coral (OLIVEIRA, 2017, p.2).

Segundo estes e outros autores, a formação do regente, em especial o regente de coro, pode envolver uma série de aspectos. Com isso, essa questão se faz importante, para que se possa começar um grupo coral. Entretanto, ao definir regência, Zander escreve:

Regência, na acepção própria do termo, provém de *dirigo* (latim): dirigir, ordenar. Em música significa dirigir, conduzir um grupo de executantes, músicos ou cantores, dentro de uma unidade musical, guiada pelos gestos das mãos, do corpo e, até certo ponto, por expressões fisionômicas. (ZANDER, 2003, p.16).

E ainda falando especificamente de regência coral, o mesmo autor diz que:

A regência coral, já por necessidade, e por sua própria natureza, pois os cantores na maioria são leigos e amadores, exige um maior trabalho em conjunto com o regente e, com isso, maior convívio. Este fato tem como consequência maior relacionamento entre executantes e regente, e isto permite ao regente muitas vezes gestos especiais e particulares, o que não se observa num grupo como a orquestra, onde muito frequentemente os regentes são hospedes contratados para um certo número de concertos, tendo assim evidentemente um número reduzido de ensaios, o que implica uma condução mais universal e pessoal. (ZANDER, 2003, p.16).

Zander não coloca nessas definições muitos elementos que fazem parte da regência coral, como vimos nas abordagens anteriores. Ele aponta a relação do regente com o coro, e não cita as habilidades ou conhecimentos específicos necessários.

A formação do regente, como vimos anteriormente, é, sim, muito importante e até algo imprescindível. Mas, tais afirmações de Zander me fizeram refletir se seria necessário, para começar a conduzir um coro, a presença de tantos elementos no aspecto da regência coral.

Antes de começar meu próprio grupo, além de pensar na formação do próprio regente e suas funções, também vinha a minha mente a seguinte pergunta: “o que irão cantar?”. Esta pergunta me atentou para algo muito importante para um coro, que seria a escolha do repertório. Sobre isto Figueiredo diz:

O repertório, ou seja, o conjunto de obras que um determinado coro executa, é o elo principal entre todos os agentes que participam da atividade coral – coralistas, regente, público - e o fio condutor das atividades desenvolvidas pelo conjunto - ensaios, apresentações, etc. (FIGUEIREDO, 2010, p.25).

Com base nesta visão, gostaria de metaforicamente chamar o repertório de “coração do coro”, tornando, assim, a sua escolha uma reflexão imprescindível na formação de um grupo.

Figueiredo continua falando sobre o repertório e como escolhê-lo:

A questão, a nosso ver, passa, antes de tudo, pela relação entre o regente e o os coralistas, que é como um casamento, ou seja, pessoas que estabelecem um vínculo entre si, visando, entre outras coisas, um desenvolvimento comum. Na escolha do repertório estão envolvidos dois fatores principais, querer e poder, e os dois agentes essenciais, regente e coralistas, estes últimos pensados em bloco, ou seja, o coro. Entenda-se poder como a habilidade musical para realizar a obra. (FIGUEIREDO, 2010, p.25)

Com base nisso, a escolha do repertório pode gerar algumas situações, como mostra ele a seguir:

Na combinação entre querer e poder, do regente e do coro, surgem oito situações básicas: a) o regente quer, mas o coro não quer. b) o coro quer, mas o regente não quer. c) o regente e o coro querem. d) o regente e o coro não querem. e) o regente pode, mas o coro não pode. f) o coro pode, mas o regente não pode. g) o regente e o coro podem. h) o regente e o coro não podem (FIGUEIREDO, 2010, p.25).

Como o próprio autor enfatiza, a escolha do repertório pode depender de alguns fatores, fatores esses que estão ligados à relação entre coralistas e regente. Tal constatação me traz a seguinte questão: como um regente escolheria o repertório sem antes formar um coro e conhecer os coralistas, que, neste caso, como vimos, são peças importantes para a sua escolha?

Talvez, pensar no tipo de coro, nos objetivos e na divulgação possa ajudar na escolha do repertório, ou talvez não. Começar um coro pode ser uma tarefa com alguma complexidade e cheia de reflexões, como foi para mim.

Tais reflexões, incluindo a escolha do repertório, podem acontecer em um momento muito importante, o qual acontece antes mesmo do primeiro ensaio: o planejamento. Sobre isso, Robinson e Winold dizem: "planejar o ensaio é uma das mais importantes responsabilidades do regente" (apud FIGUEIREDO, 1990, p.5).

Embora houvesse muitas dúvidas, todas essas reflexões contribuíram para mim como uma base, para que eu esboçasse meus primeiros passos, no intuito de realizar meu primeiro ensaio de coro, embora fosse um planejamento com muitas falhas e um pouco fora da realidade. No entanto, tal experiência me serviu bem e foi de grande importância para a minha formação. Por isso, reforço aqui, com base em meu conhecimento empírico, a importância de se refletir sobre questões presentes na criação de um coral.

“Como começar um coro” foi uma pergunta que surgiu por conta de várias outras, como pode ser notado anteriormente. Ao falar de “começar”, quero perguntar, na verdade, em como dar o primeiro passo.

Cada um dos autores citados aborda a questão da criação de um coro de uma forma específica. Eles mostram, de diferentes pontos de vista, como dar o primeiro passo, e alguns nem falam sobre essa etapa. Nesta pesquisa, será feita a análise de suas propostas, buscando reflexões que possam contribuir para professores de música que nunca tiveram contato com coral e que se encontram na necessidade de ter um grupo de cantores, para trabalhar em sua atividade didática, e para músicos que desejam exercer e/ou dirigir tal atividade, mas encontram algumas dúvidas e dificuldades pertinentes ao trabalho.

OBJETIVO

Gerar uma discussão sobre a questão da criação de um novo coro através de revisão de estudos sobre o assunto e análises de relatos de experiências; contribuir para a formação de docentes que trabalham nesta área, músicos e demais indivíduos que se encontram na realidade de criar um grupo coral; destacar a importância de tal discussão, especialmente para a educação musical; fornecer subsídios para o fenômeno estudado.

JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa foi feita a partir da inquietação e dúvidas do próprio autor desta pesquisa, devido à falta de sistematização e materiais adequados que abordam este assunto. Com base nisto, este trabalho justifica-se pela importância de discutir determinado assunto e gerar estudos sobre o tema.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi feita em base de revisões de estudos e relatos de experiência. Sobre estes tipos de pesquisa, em especial a autobiográfica, Passeggi mostra a sua importância:

A partir dos anos 2000, observa-se nos estudos pós-graduados no Brasil, um movimento que vem contribuindo para a fundação da pesquisa (auto)biográfica em educação. Ele expressa mediante a explosão de teses e de mestrados que tomam como palavra-chave de investigação o termo (auto)biográfico; [...]. Esse fatos [sic] sinalizam uma forma de superar a flutuação terminológica, gerada pela multiplicidade de denominações relativas ao uso de fontes (auto)biográficas: *abordagem biográfica ou autobiográfica, método autobiográfico, narrativa de vida, relato de vida, histórias de vida em formação, pesquisa narrativa,*

investigação biográfico-narrativa... (PASSEGGI, 2010, p. 106, itálicos da autora).

Este trabalho estará organizado em capítulos:

No primeiro capítulo, serão expostos os estudos de quatro autores, que serviram de referência para a discussão empreendida neste trabalho de conclusão de curso (TCC). Os pontos de suas obras, relevantes para esta pesquisa, serão estudados, analisados e sintetizados.

O segundo capítulo apresentará relatos de experiências que refletem as questões pertinentes abordadas. Há o objetivo de complementar outros pontos de vista, enfatizando a influência e a importância deste tema na educação, pois, ambas as vivências tratam de coros escolares. Ainda neste capítulo, será feita uma análise, comparando as experiências com base na crítica feita sobre elas.

No terceiro capítulo, será feita uma comparação das visões estudadas no primeiro capítulo e as experiências descritas no capítulo posterior. O intuito aqui é de ampliar as ideias e possibilidades de pessoas, especialmente professores de música, que desejam começar seu coro.

Por fim, serão feitas considerações finais a respeito deste trabalho, ressaltando sua importância e enfatizando sua significância na educação musical. Nesta etapa, também é lembrado o objetivo deste grupo, não tendo a intenção de gerar um manual, mas de contribuir para os estudos desta área.

CAPÍTULO 1 - ESTUDOS

Este TCC tem como referência os quatro autores já citados anteriormente, os quais apresentam estudos de como criar um novo coro. A partir da análise de cada um de seus textos, será feita a comparação dos seus diversos pensamentos, que podem divergir, concordar ou simplesmente se diferenciar, sem necessariamente haver conflitos entre eles.

Como será visto neste capítulo, as abordagens de cada um deles entram no assunto de forma específica, embora possam ter pensamentos bem parecidos. Alguns deles apresentam ideias bem definidas, como um “passo a passo” de como iniciar um coro. Outros colocam a questão de forma mais ampla, mostrando alguns pontos importantes com tal objetivo.

Por fim, o estudo deste capítulo visa fazer uma reflexão sobre o assunto em questão neste TCC, através da exposição das ideias de tais estudiosos, analisando e as comparando, contribuindo, assim, para a discussão em foco.

1.1 Mike Brewer

O livro “Kick-start your choir”(“Pontapé inicial para o seu coro”) é dividido em capítulos, que, por sua vez, são subdivididos em seções. Cada capítulo aborda assuntos que contribuem com estratégias e ideias para músicos que desejam trabalhar com coro.

Brewer (2001), em seu segundo capítulo, "Starting a choir "(“Começando um coro”), mostra os passos iniciais. O capítulo é subdividido em seções, as quais são colocadas em ordem, como um “passo a passo”.

O capítulo todo funciona como um “manual”, onde o autor começa por “Creating the group” (“Criando o grupo”). Nesta seção, como já foi citado, Brewer apresenta a ideia de qualquer grupo com pessoas dispostas a cantar ser um grupo coral. Ele segue discutindo sobre as maneiras como se pode formar um coro. O mesmo mostra bastante ênfase na inclusão de pessoas e nos benefícios que tal atividade pode proporcionar para todos, especialmente para o professor. Com isso, são destacados os seguintes pontos:

- Observar a evolução social do grupo

- Desenvolver habilidades musicais através do canto
- Assessorar as habilidades vocais e garantir o seu crescimento
- Desfrutar da atividade de se apresentar
- Aprender músicas novas e progressivamente desafiantes para o grupo
- Obter benefícios sociais através da cooperação e da experiência comunitária
- Adquirir responsabilidade e habilidades de liderança
- Desenvolver a consciência musical
- Encontrar novas pessoas e circunstâncias através das apresentações

A meu ver, a preocupação em definir e classificar o tipo de coro que será formado não parece presente nesta etapa, baseando-me em suas afirmações. Nota-se, também, que essas características citadas por ele não são restritas a um grupo específico, mas sendo “universal”, podendo ser atributos de qualquer coro.

Na segunda seção, é exposto o seguinte tema: “Setting up the operation” (“Organizando a operação”). Nessa seção, ele enfatiza o entusiasmo e os objetivos educacionais⁵, que devem ser convincentes e mostrar as habilidades que podem ser desenvolvidas na atividade coral. Em seguida, o mesmo sugere que se faça amizade com outros departamentos que possam ajudar com alguns aspectos físicos, como respiração, postura e coordenação.

Na terceira e última seção, “picking the team” (“selecionando o time”), o autor sugere incluir qualquer pessoa, tentando convence-la dos benefícios da atividade coral. Ele menciona ainda um convite ao time de futebol, convencendo-os de que a atividade coral pode ser boa para a saúde e contribuir para o condicionamento físico.

Lembro que Brewer (2001) aconselha sobre não se misturar idades muito discrepantes, pois requerem diferentes abordagens. Em seguida, ele coloca a questão sobre decidir se será feito um

⁵ Objetivos educacionais, neste caso, seria uma ferramenta para convocar mais integrantes, não sendo um foco da atividade.

grupo somente de alunos ou se envolverá outras pessoas. A meu ver, ele parece destacar coros em escolas, embora não tenha deixado bem claro.

Por fim, ele aborda a questão da realização de testes. Brewer não explicita se os testes devem ser de caráter eliminatório, porém explica que eles devam ser divertidos e que é necessário fazer um balanceamento de qualidades na escolha do grupo.

1.2 Cibele Sabioni

O site <www.comecandoumcorodozero.com>, criado pela autora no contexto do Programa de Mestrado Profissional da UNIRIO (PROEMUS), apresenta uma interface bem simples, podendo ser acessado com facilidade por qualquer interessado no assunto. Nessa interface, são apresentadas abas com alguns tópicos, os quais, segundo a autora, podem ajudar um regente na formação de um coro.

Os seguintes tópicos são abordados no site, segundo suas abas: Início – O projeto – Autora – Começando do zero – O ensaio coral – preparação vocal – Falando em cantoria – Outros.

O visitante do site pode clicar em qualquer uma das abas com os tópicos e consultar o material preparado pela autora sobre o assunto em questão, não havendo uma clara “hierarquia”, ou seja, eles não são colocados sistematicamente como um “passo a passo”, embora o nome “começando do zero” e a aparente ordenação dos tópicos colocados da esquerda para a direita possam, talvez, sugerir certa ordem entre eles.

No tópico “começando do zero”, a autora aborda questões que podem surgir quando se inicia um coro: Como formar um coro? Qual a frequência dos ensaios? Quais equipamentos serão necessários para a realização dos ensaios e apresentações do grupo? Como definir o espaço para os ensaios? Ela aborda cada uma dessas questões e procura colaborar com possíveis soluções. Como visto, os assuntos são apresentados, porém, não necessariamente, seguem uma ordem sistemática.

Devo destacar aqui, que, ao falar de ordem sistemática, não significa que um tópico deva depender do outro, mas sim que estejam apresentados apenas como um sistema de organização.

Destaco aqui que as questões apresentadas não estão sendo classificadas de acordo com os tipos de grupo de cantores, mas, sim, são assuntos que podem ser recorrentes em qualquer coral. Com isso, é apresentado um trabalho mais universal nessa formação.

As demais abas, citadas anteriormente, abordam diversos assuntos relacionados ao coro como: exercícios de respiração, vocalizes, dicas para ensaio e outros assuntos. No entanto, nenhum dos deles mostra a questão de como começar um coro, como em “começando do zero”.

1.3 Jetro Meira de Oliveira

No tocante a como começar um novo coro, Oliveira aborda apenas uma questão, a qual ele diz ser o primeiro passo: definir qual o tipo de coro que será formado. Partindo disso, ele cita alguns exemplos de tipos de coro, e descreve cada um deles, baseando-se em uma tabela, onde se encontram alguns elementos que estão presentes em todos os grupos mencionados. Porém, como veremos, esses elementos variam na forma em que são abordados em cada tipo de coro.

A seguir, serão apresentados os tipos de coro abordados por Oliveira, para uma melhor compreensão (OLIVEIRA, 2016: 27-29).

Coros de Igreja

Repertório	Hinos em vozes e uníssono de acordo com a teologia da denominação
Faixa etária	Infantil, adolescente, jovem e adulto. Dependendo da situação é possível ter todas as faixas etárias no mesmo grupo.
Teste	Normalmente é apenas para classificar as vozes, não sendo eliminatório.
Método de aprendizado	De ouvido; com kits de ensaio; com partitura.
Uso da partitura	Usa-se partitura ou apenas a letra. Todos são bem-vindos para cantar!
Experiência prévia de canto	Não é necessária.

Divisão em vozes	Depende tanto da experiência quanto da faixa etária do grupo de cantores.
Objetivo	Participar da liturgia do culto. Não tem propósito artístico primário.

Coros de empresas

Repertório	Primeiramente música popular e folclórica.
Faixa etária	Adultos, a partir dos 18 anos.
Teste	Normalmente é apenas para classificar as vozes, não sendo eliminatório.
Método de aprendizado	De ouvido; com kits de ensaio; com partitura.
Uso da partitura	Usa-se partitura ou apenas a letra.
Experiência prévia de canto	Não é necessária.
Divisão em vozes	Depende tanto da experiência quanto da faixa etária do grupo de cantores.
Objetivo	Qualidade de vida dos funcionários. É uma espécie de arte-terapia. Isso não significa que excelentes resultados artísticos não possam ser alcançados.

Coros de escolas

Repertório	Canções folclóricas nacionais e internacionais, música popular, canções pátrias, canções temáticas e repertório erudito.
Faixa etária	Infantil e adolescente.
Teste	Apenas para classificar as vozes de forma não eliminatória. No entanto, é possível ter corais selecionados em escolas.
Método de aprendizado	“De ouvido”; com mansolfa; com partitura.
Uso da partitura	Usa-se partitura ou apenas a letra.

Experiência prévia de canto	Não é necessária.
Divisão em vozes	Depende tanto da experiência quanto da faixa etária do grupo de cantores.
Objetivo	Educacional, tanto em termos de música como usando a música de forma interdisciplinar.

Coros universitários

Repertório	Repertório variado, incluindo canções folclóricas, música popular e erudita de todas as épocas.
Faixa etária	Jovens e adultos estudantes / funcionários de uma faculdade ou universidade.
Teste	Indispensável. Utilizado para classificar e eliminar as vozes. Exige-se solfejo e percepção.
Método de aprendizado	Com partitura.
Uso da partitura	Usa-se partitura. O ritmo de aprendizado de repertório é intenso.
Experiência prévia de canto	Necessária.
Divisão em vozes	Sempre. Normalmente SABT, com divisões internas nos naipes.
Objetivo	Artístico e educacional. A busca pela excelência artística leva a um grande desenvolvimento vocal e musical.

Apesar de serem abordados grupos com características distintas, são notáveis algumas semelhanças entre eles, em especial os coros de igreja, escolas e empresas. Veremos a seguir uma pequena análise das características desses grupos, com o objetivo de refletir sobre a visão de Oliveira, comparando com as ideias discutidas neste trabalho.

Em relação ao repertório, os coros de empresa e de escolas possuem músicas variadas, embora possam ter certa prioridade para determinado gênero ou estilo musical. Nos coros de igreja, apenas são citados os hinos, seguindo a denominação específica. E os coros universitários não apresentam restrição ou ênfase em determinado ponto. No entanto, todos seus aspectos parecem estar ligados a determinado nível de exigência. Então, em nenhum deles estão destacadas questões relativas ao nível das músicas ou dos cantores.

A faixa etária, nos vários tipos (coros de igreja, empresas, escolas e universitários), não é específica, embora nos coros de empresas seja colocado limite mínimo de idade. O autor apresenta apenas classes etárias (infantil, adolescente, jovens e adultos). Não é totalmente clara a abordagem do público da terceira idade.

Com exceção do último tipo apresentado, o teste vocal se faz apenas como uma forma de organização, podendo objetivar o cantar em uníssono ou abrindo vozes. Não é apresentado o caráter eliminatório, embora possa ter certo nível de exigência em coros escolares. Neste ponto, os coros universitários se diferem por sua peculiaridade em atender certas expectativas.

O método de aprendizagem não está totalmente explícito. No entanto, alguns pontos são notáveis para esta etapa, como o uso de partitura para a aprendizagem dos coros universitários e a manossolfa nos coros infantis, entendendo assim, a prática do solfejo presente neste tipo.

Nota-se, nos três primeiros tipos, o uso da partitura como fator não muito importante e sem muito foco. Não é usada com a finalidade de educar, interpretar ou expressar. Já no último coro, vemos a importância desta prática, pois se relaciona, novamente, com as exigências características deste grupo.

Assim como o item anterior, a experiência prévia de canto só difere nos coros universitários, tendo seus integrantes conhecimentos específicos e habilidades desenvolvidas. A não exigência deste ponto possibilita a união entre cantores experientes e inexperientes. Com isso, gerando diferentes habilidades entre os integrantes do grupo. Com base nisto, qual seria o nível de exigência adequada para uma equipe com tais peculiaridades?

A divisão de vozes está ligada à experiência dos cantores e faixa etária. O autor não justifica essa relação. No último tipo de coro, esta prática é colocada como sempre necessária, não citando o canto em uníssono.

Os objetivos variam em cada grupo, embora possam ter algumas correlações, tendo o conteúdo artístico como algo secundário. Mesmo alguns tipos apresentando mais de uma finalidade, Oliveira coloca um foco principal que destaca outros aspectos ou se torna único, como a participação da liturgia nos coros de igreja, a educação de forma geral nos coros de escolas, a qualidade de vida e bem-estar dos funcionários nos coros de empresa e a excelência musical nos coros universitários.

1.4 Emanuel Martínez

Martínez enfatiza questão da organização do coro, abordando os tipos. Ele aponta as seguintes questões em relação a esse fato: “o grupo está vinculado a alguma escola de música, universidade ou escola regular (primeiro, segundo e terceiro graus) ou vai ser uma associação independente? É um coro de clube, de igreja ou ligado a alguma empresa?” (MARTÍNEZ, 2000, p.20). Em suma, o autor apresenta duas organizações inicialmente: coro ligado a alguma instituição ou sendo uma iniciativa independente. O mesmo, ao falar dos tipos de coro, diz:

Em primeiro lugar, o maestro precisa estabelecer algumas diretrizes de trabalho. Que tipo de coro está dirigindo ou vai dirigir? Trata-se de um coro com finalidades artísticas, religiosas, ou de divertimento? É constituído por diversos naipes de vozes mistas, iguais ou infantis? (MARTÍNEZ, 2000, p.33)

O maestro aponta algumas questões, porém voltadas para definir um grupo coral específico. Com isso, ele mostra importância em se pensar e organizar as características que podem variar. Também é dada bastante ênfase na questão das vozes, classificando dois tipos de coro: com vozes iguais (masculino, feminino ou infantil) e com vozes mistas (masculino e feminino). Destaco que ele não mistura vozes infantis com adultas.

Outro ponto muito citado por ele, com relação aos tipos de coro, são os grupos formados de acordo com suas dimensões, os quais são apresentados os seguintes tipos: madrigal, coro de câmara, coro sinfônico e coro lírico.

Este autor, não relaciona especificamente as características com determinado grupo. Isso torna a forma de classificar um coro mais ampla. Neste caso, certas características irão criar uma equipe diferente. Gerando, assim, uma formação mais específica e analisada.

Ele apresenta alguns pontos sobre o funcionamento e organização de um coro, mostrando os principais problemas e dificuldades que podem ocorrer em determinados tipos de coro. Como, por exemplo, em coros ligados a alguma instituição, tais como: coro de igrejas, coro de escolas e coro de empresas. Estes tipos de coro, segundo Martinez, podem apresentar problemas como: local de ensaios, horários mais convenientes, instrumento harmônico, entre outros...

1.5 Análise e comparação

Enfatizo, aqui, a questão de se escolher um tipo de coro para começar a formar um novo grupo. Este foi um ponto muito importante nesta pesquisa, pois, nas referências discutidas até aqui, vemos diferentes abordagens neste tema ou nem o vemos.

Como forma de organização, colocarei as quatro referências utilizadas neste capítulo do TCC separadas em dois grupos. Inicialmente: os que abordam a questão de tipos de coro e os que não abordam.

Podemos notar que Martinez (2000) e Oliveira (2016) têm uma concepção diferente de Brewer (2001) e Sabioni (2019), com relação a como começar um novo coro.

Oliveira (2016) apresenta suas questões de forma sistemática e organizada, assim como Brewer (2001). Entretanto, o primeiro fala apenas da questão de tipos de coro, questão essa que não é colocada por Brewer (2001) e nem por Sabioni (2019), indo, porém, de encontro a Martinez (2000). Com isso, vemos que Oliveira (2016) e Martinez (2000), abordam a questão de tipos de coro e Brewer (2001) e Sabioni (2019) não discutem esse assunto.

Entre os autores que não apresentam tipos de coros, nota-se certas peculiaridades. Será feita, a seguir, uma breve análise sobre eles:

Uma das primeiras questões que Sabioni (2019) apresenta é “como formar um grupo?”. Neste ponto, a autora fala sobre estratégias para se formar um grupo coral, convidando pessoas para cantar, estabelecendo dias, horários e etc.

Brewer (2001) não faz nenhuma distinção sobre local, instituição, situação ou nível. Ele apenas apresenta um passo a passo, para que se possa começar um novo coro, mostrando questões que foram vistas por ele como importantes para qualquer grupo de pessoas que se dispõe a cantarem juntas.

Sobre a formação do coro, Sabioni coloca algumas questões: “Como formar o grupo? Qual deve ser a frequência dos ensaios? Quais equipamentos serão necessários para a realização dos ensaios e apresentações do grupo? Como definir o espaço para os ensaios?” (SABIONI, (2019), em linha). Enquanto isso, Brewer (2001) apresenta a formação do grupo, as motivações e benefícios do coro, e a seleção de uma equipe. Como visto, Sabioni (2019) apresenta questões para se refletir, e Brewer (2001), apresenta temas com dicas para se seguir.

Assim como no exame anterior, será apresentada uma síntese sobre os autores que apontam a questão dos tipos de coros, conforme visto antes com o outro grupo:

Oliveira (2016), com sua tabela mostrada na seção 1.3, faz uma sistematização e organização de grupos específicos, com características próprias, o que limita a possibilidade de grupos diferentes compartilharem do mesmo problema ou terem os mesmos objetivos. Assim, um coro de igreja, por exemplo, não precisa se preocupar com o desenvolvimento musical com tanta ênfase, já que o principal objeto é seguir a liturgia.

A maneira com que Martinez (2000) divide os tipos de coro e seus objetivos permite que cada coro possa ter suas próprias metas, regras, características e diferenças. Mas, ele ainda divide cada grupo de acordo com suas circunstâncias, buscando, assim, clareza e entendimento de sua equipe. Ele volta, em suas classificações, à maneira de pensar um grupo coral algo mais amplo. Podemos tomar, por exemplo, um coro ligado a alguma instituição. Nesse sentido, o coro pode ser em uma escola, uma igreja, ou empresa, podendo ter características semelhantes e mais variadas em cada um deles. Embora ele mostre uma formação coral mais diversificada, ainda são feitas equipes classificadas e definidas.

Apesar de Oliveira (2016) e Martinez (2000) frisarem a importância de definir um grupo, para traçar seus objetivos, detectar e buscar soluções para seus possíveis problemas, ambos também pensam de formas diferentes sobre o mesmo assunto, como vimos acima.

Sabioni (2019) e Brewer (2001) não apresentam o objetivo claro de um grupo específico, mas, sim, focam na criação e formação. Oliveira (2016) e Martinez (2000), por outro lado, procuram definir seus grupos e seus objetivos, para começar, então, um coro.

Sabioni (2019) não se preocupa com a organização de suas questões. Ela apresenta as dúvidas e procura aconselhar, compartilhando dicas e experiências profissionais. Com base nisto,

gostaria de seguir com a seguinte reflexão: definir primeiramente o tipo de coro que será formado não ajudaria a organizar e esclarecer alguns pontos e dúvidas apontadas por Sabioni (2019)?

Sabioni (2019) e Brewer (2001) possuem um pensamento diferente de Martinez (2000) e Oliveira (2016) com relação a começar um coro. Também, mesmo entre Sabioni (2019) e Brewer (2001) existem diferentes pontos de vista neste assunto, assim como em Martinez (2000) e Oliveira (2016).

Brewer (2001), Sabioni (2019), Martinez (2000) e Oliveira (2016), apresentam pontos de vistas relevantes, que contribuem significativamente para o trabalho de iniciação de um grupo coral. A análise e avaliação de seus textos, comparando-as e até criticando-as, se faz necessário, para um bom aproveitamento de tantos conteúdos que podem, juntos, influenciar positivamente e trazer ótimos resultados em grupos iniciantes de coros que encontramos em nossa realidade atualmente.

CAPÍTULO 2 – RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Nesta seção são apresentadas outras visões, que poderão se relacionar com os estudos anteriores, refletindo algumas questões e contextualizando a discussão deste TCC. Em suma, este capítulo tem como objetivo dar continuidade ao estudo que vem sendo desenvolvido até aqui.

A respeito da organização deste capítulo, serão mostrados dois relatos de experiência: o primeiro sobre o coral do centro educacional Pequena Cruzada de Santa Therezinha do Menino Jesus, no Rio de Janeiro, que citará a formação do grupo, segundo a síntese da entrevista com Júlio Moretzsohn, o professor responsável por este empreendimento, mostrando tal experiência pela visão dele. Após isso, será abordado um segundo coro formado na escola, com base na minha própria vivência com o trabalho do maestro. Por fim, o segundo relato constará de minha experiência no colégio João XIII, também no Rio de Janeiro, onde comecei com minha equipe, partindo de uma iniciativa individual.

2.1 A formação do novo coro do centro educacional Pequena Cruzada de Santa Therezinha do Menino Jesus

O coral do centro educacional Pequena Cruzada de Santa Therezinha do Menino Jesus é fruto da iniciativa do maestro Júlio Moretzsohn, professor de Regência coral do Instituto Villa-Lobos, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que propôs a formação deste grupo ao presidente da instituição, na intenção de continuar seu trabalho já desenvolvido na universidade, um projeto de extensão denominado Coro juvenil da UNIRIO. Por parte do dirigente da instituição houve entusiasmo e receptividade à ideia, pois também era desejo do próprio a criação de um grupo.

Tal experiência será analisada a partir da entrevista feita com o professor, que trata do início de seu projeto na escola. Em seguida, será abordado também o segundo coro criado na mesma instituição, o qual pude acompanhar desde o começo de sua formação.

A entrevista semiestruturada foi breve, contendo quatorze perguntas em uma dinâmica simples, como uma conversa. As perguntas foram claras e diretas, sempre relacionadas com as questões abordadas nesta pesquisa. Todo o processo foi gravado, em formato de áudio pelo aparelho celular LG SJ3, com a autorização do entrevistado.

No apêndice deste TCC, será apresentado o conteúdo da entrevista com as respectivas respostas do professor.

2.1.2 Análise da entrevista com o professor Julio Moretzsohn

A conversa com o maestro Julio Moretzsohn foi bastante enriquecedora. Seu trabalho de criação de um coro no centro educacional Pequena Cruzada do Menino Jesus, na Lagoa, no Rio de Janeiro, trouxe muitas experiências ligadas aos assuntos apresentados anteriormente.

Apesar de se tratar de um coro de escola, o formador entrevistado não demonstrou visão restrita sobre determinado grupo, gerando limitações de acordo com a faixa etária, instituição conexas ou fatores externos.

Este projeto não foi feito de forma aleatória, ou sem qualquer perspectiva. Trata-se da extensão da atividade já desenvolvida pelo regente na UNIRIO, como já explicado antes. Desta forma, dando continuidade e cumprindo suas finalidades, seja do ponto de vista performático ou educacional.

Segundo o entrevistado, não houve muitos obstáculos para formar a primeira turma nem necessidade de divulgação ou convites para participar de tal atividade. Houve um consenso entre a autoridade responsável pela escola e o educador, gerando dias, horários e local reservados para os ensaios, dando, assim, oportunidade aos alunos de vivenciarem esta experiência. Com base nisso, seria ideal a presença pré-estabelecida dos alunos neste trabalho, como em qualquer outra disciplina escolar, ou seria melhor solicitar os mesmos, transformando assim, em uma ação optativa?

Júlio Moretzsohn mostra não ter muitos problemas com sua equipe (alunos, estagiários e demais agentes da educação). As crianças que participam do coro possuem a mesma idade e pertencem à mesma turma; a quantidade de integrantes é razoável, o suficiente para gerar boa sonoridade e manter a disciplina; os alunos da UNIRIO, que fazem parte do projeto como bolsistas, ou cumprem carga horária de matérias específicas, dividem atividades entre si, auxiliando o maestro. Entretanto, apesar desses atributos, ele faz comentários desejosos sobre espaço adequado, com instrumentação mais apropriada e conforto para os cantores.

Destaco aqui a experiência prévia dos discentes, algo que não foi tido como exigência, apesar de serem oferecidas aulas de música na escola. Alguns alunos apresentaram dificuldades em relação à: técnica vocal, interesse, disciplina, percepção, etc. No entanto, nada disso contribuiu para que desandasse ou se encerrassem o trabalho. Muitos desses cantores melhoraram de forma surpreendente. Enfim, como pode ser visto anteriormente, e notado na entrevista, que o coro é um investimento de longo prazo, que visa desenvolver os coristas, a fim de dar continuidade a um trabalho de qualidade.

Podemos perceber, através da entrevista, algumas características da formação deste coro: a iniciativa por parte do professor, o acolhimento e preparação da escola para tal projeto, um grupo com faixa etária homogênea, disponibilidade de ajudantes para coordenar o coro. O espaço não é adequado, porém, é proveitoso para os ensaios. Os objetivos foram artísticos e educacionais, sendo os dois interligados.

2.2 A formação do segundo coro na mesma instituição

Após um ano com o respectivo trabalho na escola, foi criado um novo grupo com outra turma da mesma escola. Os cantores do primeiro coro passaram para um novo segmento, porém, mantendo os mesmos alunos do ano anterior. A nova equipe recebia como integrantes a recente turma do quarto ano do ensino fundamental, mantendo, assim, a mesma faixa etária e seguindo os passos do coral anterior. Ressalto aqui a minha participação nessa etapa. Tive o prazer de acompanhar este grupo desde o início de sua formação, ou seja, do zero. O exame feito nesta seção será com base nesta experiência.

Com relação à quantidade de coristas, neste novo trabalho houve mais participações, em comparação com o início do projeto antecedente. Talvez, este fato se deva por ter turmas maiores. Todas as crianças do quarto e do quinto ano que estudam na escola participaram do coro em 2019.

Ambos os coros ensaiavam no mesmo horário, mas em locais diferentes. Os estagiários e auxiliares do regente eram designados para ensaiar um grupo. Enquanto o maestro ensaiava uma turma, os assistentes ensaiavam a outra. Normalmente, o maestro alternava entre os grupos, embora mostrasse certa ênfase aos iniciantes.

A influência da experiência do ano anterior foi relevante. No entanto, ainda se podia notar a permanência de alguns problemas pertinentes citados anteriormente, como o espaço adequado, os instrumentos disponíveis e as dificuldades iniciais dos alunos.

2.3 Minha experiência no colégio João XIII

No ano de 2019, pensei em começar um grupo de coro com os alunos da minha antiga escola em que estudei durante quase toda a minha formação básica. Tal atividade nunca havia sido sequer proposta nesta escola, embora a instituição tivesse um grande potencial para isso. Havia muitos alunos de diversas faixas etárias, um bom espaço para atividades musicais, e material, além de total apoio e interesse da direção e dos alunos.

Quando fui até à escola, conversei com o diretor. O mesmo é um bom amigo meu e logo me atendeu, e, ao receber a proposta, se animou bastante. No entanto, tivemos que combinar algumas condições financeiras e de organização de dias e horários. Após a conversa, o diretor resolveu aceitar a proposta e, logo em seguida, havíamos marcado um encontro para que eu fosse às salas de aula divulgar o trabalho e convidar os alunos para participar do coro.

Nesse momento, foi feita uma pequena amostra de uma música cantada e a divulgação do trabalho, orientando os alunos interessados a falar com os pais para fazer a matrícula.

Após a divulgação, foi marcada uma reunião com os pais, para tratar de assuntos específicos, incluindo dias e horários. Todos os assuntos foram planejados por mim na reunião, visando apresentar os objetivos, características e exigências para o trabalho.

O grupo era ligado, assim, a uma escola particular. Logo, um dos principais objetivos era o marketing para a escola. Tal objetivo era principalmente do diretor. No entanto, outros objetivos foram traçados por mim, embora muitos deles fossem também objetivos da escola como: educação, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento cultural, desenvolvimento social e motivação.

Antes de começar os ensaios, os horários foram estabelecidos, e esta foi uma etapa muito importante, pois, além da vontade dos alunos em participar e o apoio dos funcionários e diretores da escola, o começo dos ensaios dependeria da disponibilidade dos alunos e pais, e da disponibilidade do próprio regente. Neste caso, a conciliação de horário foi um problema, porém, quando resolvido, já estava quase tudo pronto para começar o primeiro ensaio.

A comunicação com os funcionários para se utilizar determinadas salas, usar dispositivos de vídeos da escola e áudios também se tornou um ponto muito importante, pois ajudou bastante no planejamento dos ensaios.

Já tinha o grupo pronto para começar a cantar, já tinha um bom espaço, a aprovação dos diretores, representantes e demais funcionários, e objetivos claros, mas ainda havia alguns obstáculos no caminho da criação do coro. Uma destas dificuldades foi a falta de outros agentes responsáveis pelo trabalho com o coro. Apesar de ter o apoio de toda a escola, somente eu tinha total contato com o coro, cumprindo todas as funções, tais como: instrumentista, organizador, arranjador, regente e professor de técnica vocal. Tal situação não me impediu de começar a atividade, mas foi, sim, uma grande dificuldade, que poderia até comprometer a qualidade ou até a continuidade do grupo. Assim, como eu era o instrumentista, também providenciei o meu próprio instrumento para acompanhar o coro, utilizando violão e teclado.

Outro fator, que também se tornou um obstáculo na formação do grupo coral, foi justamente a falta de flexibilidade de horários e as adaptações. Devido a isso, tivemos que juntar grande parte das turmas, fazendo um grupo mais heterogêneo e com idades mais variadas, do quarto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio, com idades entre 9 e 18 anos, aproximadamente.

Foram criados dois turnos, um para os alunos que estudavam a tarde e um para os que estudavam de manhã. Ambos os grupos teriam 50 minutos de ensaio, e teriam praticamente a mesma quantidade de alunos, cerca de 10 a 15 integrantes.

O grupo dos alunos que estudam pela manhã ensaiava ao término de suas aulas, por volta de 12:30. Os alunos da tarde funcionavam da mesma forma, ou seja, começavam por volta das 18:00, no horário em que terminavam suas aulas. Os horários não pareceram incomodar os alunos, pois os mesmos encontravam-se bem animados para os ensaios.

Os horários e a discrepância das idades não pareciam incomodar muito os alunos, pois todos participavam da atividade com o mesmo entusiasmo. A ideia proposta por mim parecia atrair a todos da mesma forma, desde os mais novos aos mais velhos.

Com relação a gênero, grande parte dos alunos era constituído por meninas, mas, como boa parte dos meninos tinha idades entre 9 e 10 anos, tendo seu timbre de voz mais próximo com o

timbre de voz das meninas, isso que não gerou muitos problemas. No entanto, havia também alunos de idades um pouco mais avançadas. Consequentemente, havia alguns meninos com um tipo de voz mais diferenciado da grande maioria, o que me gerou a necessidade de atentar para alguns pontos, como tessitura e tonalidade das obras.

Para começar, preparei um repertório baseado em músicas fáceis de cantar e memorizar, com uma extensão não muito grande e com muitos graus conjuntos. Também acrescentei ao repertório cânones e músicas populares que os alunos já gostassem de cantar no seu dia a dia.

Para começar o coro, não pensei em contar logo com o contato com a partitura, mas preparei pequenos momentos do ensaio para passar algumas noções básicas de música e grafia musical, já que um dos principais objetivos também era a educação.

Os alunos eram todos inexperientes com canto coral. Alguns tiveram contato com aulas de instrumento, banda da escola e outros até já cantaram em suas igrejas. Porém, ao ver o grupo como um todo, tinha-se um coro leigo, com pouca ou nenhuma experiência musical. O que me fez pensar mais ainda nos trabalhos de entendimento musical, que seria dividido nos ensaios do coro, que duravam apenas 50 minutos. Foi uma grande preocupação.

O trabalho de criação de um grupo coral no colégio João XIII foi um processo que começou bem antes de se ter o primeiro ensaio com o grupo completo, e, hoje, já com alguns ensaios e aulas passadas, diria que ainda assim o trabalho de iniciação continua.

O grupo, com aproximadamente um mês de trabalho, não teve nenhuma apresentação, embora já se preparassem para seu primeiro evento, o qual foi, também, um grande passo na formação do grupo.

Esta experiência, embora mostrando preocupações com alguns pontos, como horas de ensaio, local, etc., não foi algo muito restrito. O coro desta escola foi entendido como um grupo coral, sem uma classificação específica.

2.4 Comparação entre as duas experiências

Nesta etapa, os relatos de experiência vistos anteriormente serão examinados e comparados. Tendo, assim, a finalidade de mostrar diferentes casos de criação de um coro, com mais possibilidades e contribuições para tal fenômeno específico. Ressalto o fato de serem

discutidas experiências escolares, colaborando significativamente para a educação musical, destacando a sua importância para esta área.

Apesar da semelhança de classificação como coro de escola, é notável que cada realidade possui suas peculiaridades e dificuldades. Alguns desses aspectos serão apontados e estudados a seguir.

2.4.1 O oferecimento da ideia à escola

Ambos os professores conseguiram formar seu trabalho na escola através do contato direto com o representante da instituição, tendo acolhimento e entusiasmo. No entanto, a criação de uma turma de canto coral foi recebida no centro educacional Pequena Cruzada com preparo e clareza, já que o próprio responsável da instituição é formado em música e possui conhecimentos sobre tal atividade. No colégio João XIII, apesar de ser amante da música, seu dirigente não possuía muito contato com esta prática, fazendo com que tenha sido formado o primeiro grupo deste tipo na escola sem muito apresto e condições adequadas.

2.4.2 Questões práticas de funcionamento

No coral do professor Júlio Moretzsohn, as crianças tinham a atividade normalmente em seu dia escolar, como se fosse mais uma disciplina do currículo. Porém, ele começou trabalhando com apenas uma turma, que continha uma quantidade razoável de alunos, gerando um grupo com as mesmas idades e maturidades, tornando o grupo mais homogêneo e restrito. Em minha experiência, o trabalho foi tido como atividade complementar e não obrigatório, tendo que ser feito um convite para os alunos participarem do coro, correndo o risco de poucos se interessarem.

2.4.3 Faixa etária

Por se tratar de uma atividade extracurricular e optativa, o grupo de canto coral no colégio João XIII foi oferecido para quase todas as turmas, o que levou a integrar alunos do sexto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio. Com isso, houve, dentro do grupo, cantores com idades bem discrepantes, indo de oito até dezoito anos. Tal fato contribuiu para que se tenha um trabalho mais flexível e amplo, buscando atender as necessidades de cada um. Essa situação difere da equipe do coral da Pequena Cruzada, que uniu os discentes de uma única turma. Eles tinham a mesma idade, entre oito e nove anos apenas. Assim, criou-se um coro mais restrito e uniforme, com estratégias e conteúdo específicos para os cantores.

2.4.5 Local de ensaio

Os dois coros realizavam seus ensaios em espaços bons, porém não adequados para tal prática. No colégio João XIII, o trabalho era feito na sala de multimídia, com a disposição de aparelhos áudio visual e era uma sala de estudo e entretenimento, dividido com outras disciplinas, as quais poderiam utilizar o espaço com prioridade, fazendo o grupo se deslocar eventualmente para outro ambiente mais inapropriado. Na Pequena Cruzada, foi oferecida a capela, com dia e horário especialmente para o trabalho do professor Júlio Moretzsohn. Embora não fosse o ideal, o ambiente era agradável e exclusivo para tal finalidade.

2.4.6 Equipe de trabalho

Com o contato direto entre regente e o responsável pela instituição, os dois grupos foram criados no centro educacional Pequena Cruzada. Entretanto, o maestro Júlio Moretzsohn contava com a participação de alunos da UNIRIO, pois se tratava de uma extensão de seu projeto desenvolvido na instituição universitária. Com isso, ele dividia as tarefas, tais como: instrumentista acompanhador, regente auxiliar, organizador de partitura, monitor, etc. Em minha experiência, no Colégio João XXIII, foi feita apenas uma atividade extracurricular, sem preparo pela instituição, tendo, assim, somente o próprio regente para lidar com todas as funções.

2.4.7 Repertório

As duas instituições seguiam a denominação católica, o que influenciou, de certa forma, no repertório, embora não houvesse uma determinada regra ou exigência por parte das escolas. Em minha vivência, parte do repertório era dedicada às apresentações, sendo algumas festividades religiosas. Na escola Pequena Cruzada, também houve eventos que levaram a inclusão de músicas de igreja no repertório do coro.

Por fim, ressalto o fato de ambos os grupos criados se tratarem de coros escolares, sobretudo, de escolas católicas. Apesar de tal semelhança, cada vivência contou com diferentes pontos, mas também compartilharam de algumas semelhanças. Assim como esses dois grupos, cada situação pode ser encarada de uma forma específica, o que torna importante a contribuição de estudos e reflexões com base em experiências passadas.

CAPÍTULO 3 – COMPARANDO ESTUDOS E EXPERIÊNCIAS

Tendo como base a visão dos autores citados anteriormente neste trabalho, será feita, neste terceiro capítulo, uma relação entre suas propostas discutidas no primeiro capítulo e as experiências com os coros iniciantes apresentadas no segundo capítulo. O objetivo principal é entender, na vivência de uma realidade de iniciação coral em escolas, os conceitos propostos no primeiro capítulo. Toda a análise será feita com base em coro infantil escolar ou juvenil, o que pode limitar alguns conceitos anteriores propostos pelos autores, porém, cabe avaliar, ainda assim, as ideias mostradas anteriormente e relaciona-las com a realidade mostrada nos relatos de experiências.

A análise será feita separadamente a partir de cada relato de experiência, ou seja, será comparada a visão dos autores primeiramente com o meu relato no colégio João XIII, e, em seguida, será comparada com a experiência relatada na entrevista com o professor Júlio Moretzsohn, que começou um trabalho de canto coral na escola Pequena Cruzada de Santa Terezinha do Menino Jesus. Apesar de serem dois coros escolares, ou seja, tendo em vista, talvez, quase os mesmos objetivos, são dois grupos diferentes, com realidades e experiências distintas, que podem ou não ir de encontro com as ideias dos pesquisadores que estão como referências nesse trabalho. Por isso, se faz importante a comparação e análise separada das duas realidades.

3.1 A experiência no colégio João XIII e os estudos apresentados

A iniciativa para começar um coro no colégio João XIII partiu de mim mesmo. Como foi mostrado em meu relato, o primeiro passo foi falar com o diretor e oferecer-lhe a minha proposta. Com isso, fui levado também a fazer um trabalho de divulgação e planejamento, para me atentar aos principais pontos. Primeiramente, me pus a fazer questionamentos, o que vai de encontro com o que propõe Sabioni, que, inicialmente, diz:

O início de um trabalho com um coro pode ser um momento de grande reflexão para o(a) regente iniciante, pois surgem dúvidas sobre: Como formar o grupo? Qual deve ser a frequência dos ensaios? Quais equipamentos serão necessários para a realização dos ensaios e apresentações do grupo? Como definir o espaço para os ensaios? (SABIONI, (2019), em linha)

Tais reflexões citadas pela autora foram bem próximas àquelas que tive antes de iniciar o grupo.

Sabioni destaca a divulgação, etapa que também fez parte da iniciação do meu grupo. Foi necessário divulgar a nova atividade através de demonstrações de canto, seguido das informações sobre dias e horários de ensaio. Apesar de se tratar de um coro de escola, a questão de organização de horários foi bastante complexa, pois o problema não eram os horários dos alunos, mas sim, os meus.

Com isso, percebi a importância de se organizar os dias e horários de ensaio, para se formar um grupo, e as reflexões que nos auxiliam a resolver determinados problemas da melhor forma possível. Esses são pontos colocados por Sabioni, com os quais encontrei grande identificação na minha experiência.

Para Oliveira (2016), o primeiro passo para se iniciar um coro é definir qual é o tipo de coro. Por ser um coro feito com alunos da escola, o tipo de coro não foi algo a que se pensar no primeiro momento, do mesmo modo, não foi pensado, inicialmente, sobre repertório, faixa etária, método de aprendizagem, entre outros pontos recomendados pelo autor. Destaco aqui algo importante, o qual não fez parte de minha experiência: o teste vocal.

A realização de um teste vocal é um ponto citado não só por Oliveira (2016), mas também por Brewer (2001). Ambos colocam tal ponto como algo de importância. Porém, não com caráter eliminatório, tendo em vista ser apenas uma forma de se organizar as vozes. Apesar de ser um assunto citado pelos autores, dando certa importância a esta etapa, tal evento não foi trabalhado em minha experiência no colégio João XIII, devido a minha intenção de começar do zero, sem exigir qualquer experiência anterior com canto.

No tocante a faixa etária, Oliveira cita os termos “infantil e adolescente”, não especificando a relação de estarem juntos ou separados na mesma turma, algo que aconteceu comigo, tendo sido um ponto de bastante importância e atenção.

Martinez destaca sobre os possíveis problemas do coro. Um dos primeiros pontos que me causou problemas, e que também é citado por esse autor, é a carga horária. Como já mencionado anteriormente, estabelecer um horário adequado para atender aos alunos foi uma tarefa difícil, pois os meus próprios horários não eram tão flexíveis. Outro ponto interessante que o autor coloca é a adequação do local para ensaiar. Havia, sim, na escola em que iniciei o coro, ótimos espaços para ensaiar, com iluminação adequada, cadeiras suficientes, boa

climatização e até disponibilidade de aparelhos de multimídia. O problema era a utilização dessas salas, pois não eram salas reservadas só para o coro, mas outros professores também as podiam usar. Se já houvesse professor marcado para usar aquele ambiente, teríamos que nos dirigir a outro lugar, com diferentes cadeiras, espaço talvez menor e outras situações que poderiam ser desfavoráveis. A questão também citada por Martinez de ter um instrumento harmônico não foi um grande problema para mim. No entanto, não era uma facilidade, pois a escola não disponibilizou um instrumento próprio para o coro, tendo eu mesmo que levar meus instrumentos para os ensaios. Martinez apresenta ainda outras questões específicas que fazem parte de um coro escolar.

- meu pai não pode me trazer;
- tinha muitos deveres para fazer;
- tirei notas baixas, e meus pais me deixaram de castigo até recuperar as notas;
- hoje não estava a fim;
- estava conversando assuntos sérios com a minha namorada;
- tinha um assunto importante para resolver;
- participar de um coro é coisa de “bicha”

Contudo, não tive problemas com essas situações.

Por fim, na experiência no colégio João XIII, embora possa ter algumas questões que se identificam com as ideias de Martinez (2000), esta prática teve bastante relação com as propostas de Sabioni (2019) e Brewer (2001), devido ao não planejamento da formação do grupo, seguindo parâmetros que definem suas características como: repertório que será utilizado, objetivo principal, faixa etária, etc.

3.2 A experiência do professor Júlio Moretzsohn e os estudos apresentados

Destaco, inicialmente, a primeira questão que foi também feita no capítulo anterior: a divulgação, comparando com as ideias de Sabioni (2019).

Como visto na entrevista com o professor, a divulgação não se fez necessária para os alunos, pois as atividades começaram assim que a proposta foi aprovada pelo Pe. Manuel de Oliveira Manangão. Os alunos já começaram as aulas com a atividade de coro incluída em sua carga horária. Aparentemente, não era algo extracurricular, onde os alunos escolhiam participar ou não, pois toda a turma participava do ensaio, como uma hora de aula igual a qualquer outra.

No tocante a tipos de coro, ressalto aqui a visão de Oliveira (2016). Definir o tipo de coro também não se fez necessário nesta experiência, o que não quer dizer que não foi necessário pensar nos primeiros passos para iniciar um coro nesta escola. Apesar de tratar-se de um grupo de alunos atuante em um ambiente escolar, com todos os integrantes com a mesma faixa etária, notamos, como visto na entrevista, que seus objetivos eram educacionais. Porém, havia uma conexão com a conduta da escola católica, que destacava muito a religiosidade, trabalhando repertório e posturas tradicionais da igreja, além do próprio ensaio ser dentro de uma capela. Esses aspectos, porém, não se encaixam nos padrões definidos por Oliveira (2016). Entretanto, a forma de organizar tais características, formando um grupo específico e claro, vai muito de encontro com a visão de organização de Martinez (2000)

Não foi necessário dividir as idades, pois eram todos do mesmo ano. Também não houve classificação de voz, como propõe Brewer (2001) e Oliveira (2016). O professor Júlio Moretzsohn se propôs a desenvolver o grupo “do zero”, independente da experiência ou aptidão do aluno. Seus objetivos estavam claros e poderiam também não condizer com os citados por Oliveira (2016), como foi explicado antes.

Martinez (2000) propõe uma forma de organização coral mais ampla, não restringindo tanto os participantes, comparando-se com Oliveira (2016). O autor coloca a classificação de acordo com os objetivos, como já dito antes, e isso permite encontrarmos, em um coro de crianças, finalidades não só da educação e formação, mas, também da performance e desenvolvimento artístico. Esses, como vistos antes, foram os motivos de se criar um coro nesta escola.

A inclusão da atividade na escola como uma matéria presente na grade curricular⁶, ou seja, uma atividade comum na dinâmica de seu dia escolar, ajudou a eliminar alguns problemas colocados por Martinez (2000), como a carga horária, já que se tratava de uma “matéria” comum, que já tinha bem definida tal carga horária pra cada turma. Também a quantidade de alunos não

⁶ Destaco aqui o termo comparativo “como”, não afirmando ser de fato uma matéria inclusa na grade curricular da escola, mas sendo tratada como tal, devido a participação dos alunos e as dinâmicas de ensaio.

foi um problema, pois todos os alunos de uma única turma participavam. Outro agravante que não se manifestou foi a faixa etária. Esses problemas não foram significantes nesta experiência, mas a preocupação do professor era, sim, a disciplina, que, por fim, não acabou sendo um empecilho também.

As características de formação deste coro vão de encontro com a ideia de Martinez (2000), pois, trata-se de um grupo onde, apesar de não ter pontos definitivos para tal classificação, que seria no caso um coro escolar, sua faixa etária, repertório, objetivo, instituição, entre outros aspectos, foram bem definidos e pensados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção desta pesquisa não foi, de forma alguma, gerar conflitos que irão proporcionar mais e mais dúvidas sem soluções, que nunca contribuirão para a criação de um novo coro, fazendo com que se pense demais e se faça de menos. Tais reflexões foram feitas como um compartilhamento de minhas vivências e dificuldades na criação de um grupo coral, baseando-se em questões como: Como formar o grupo? Qual deve ser a frequência dos ensaios? Quais equipamentos serão necessários para a realização dos ensaios e apresentações do grupo? Como definir o espaço para os ensaios? Juntamente com análise e reflexões sobre as falas e sugestões dos autores citados.

Mais uma vez, reforço a ideia de que tal pesquisa visa contribuir para o trabalho com o canto coral, não pretendendo ser também nenhum livro de receitas prontas ou um método sistematizado com passo a passo sobre o que fazer ou não com um coro. Cada grupo pode ter sua realidade e viver diferentes situações. No entanto, o principal é refletir da melhor forma possível para encontrar possíveis soluções para possíveis dificuldades que possam surgir no processo de iniciação e formação coral.

Por fim, coloco a questão da criação de um coro de forma mais ampla, não a limitando a determinado tipo de grupo específico, pois a tarefa de reger um coro se torna complexa devido justamente à presença de diferentes pessoas e grupos distintos.

Com base nessas afirmações, ressalto a importância de estudar e discutir o assunto em questão neste TCC. Complementando, coloco aqui que encontrar autores que abordam especificamente o assunto de como criar um coro e entender as diferenças de visões dos autores, compara-las e analisar as visões diferentes, relacionando-as com as experiências citadas, foi uma tarefa difícil, devido ao fato de eu encontrar poucos estudos dessa área específica. Assim, esta pesquisa caminha para a organização de um sistema musical tão diversificado, dando margem para possíveis estudos mais aprofundados sobre elementos encontrados aqui como: os dois caminhos possíveis para se formar um coro, onde seria possível analisar o trabalho de um coro começando por cada um deles.

Com foco na educação musical, o presente trabalho mostra como podemos aplicar as ideias apresentadas nos ambientes escolares, dando apoio aos professores de música que desejam começar um trabalho de canto coral.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Ceição de Barros. *Canto coral: organização e técnica de coro*. Petropolis: Vozes, 1973.

BREWER, Mike. *Kick-start your choir*. Londres: Faber Music, 2003.

FERNANDES, Angelo José. *A prática coral na atualidade: Sonoridade, interpretação e técnica vocal*. Música Hodie, Volume 6 , Nº 1, p.51 - 74, 2001.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. “Reflexões sobre aspectos da prática coral”. In *Ensaio - Olhares Sobre a Música Coral Brasileira*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2006. p.3-28.

FIGUEIREDO, Sergio Luiz Ferreira de. *O ensaio coral como momento de aprendizagem - A prática coral numa perspectiva de educação musical*. 1990. Dissertação (Mestrado em Música). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MARTINEZ, Emanuel. *Regência coral: Princípios básicos*. Curitiba: Dom Bosco, 2000.

PASSEGGI, Maria da Conceição. “Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório”. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; Vivian Batista da Silva (Org.). *Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.103-127

OLIVEIRA, Jetro Meira de. *O Coral Completo – Passos para montar, administrar e desenvolver um coral em sua igreja ou escola*. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2016.

SABIONI, Cibele. *Começando um coro do zero*. Disponível em: <<https://www.comecandoumcorodozero.com>> Acesso em: 18/10/2019.

ZANDER, Oscar. *Regência coral*. 5ª. Ed. Porto Alegre: Movimento, 2003.

APÊNDICE – A entrevista com o Prof. Júlio Moretzsohn

1) por que o senhor quis formar esse coro na escola?

“Eu decidi, porque, eu criei este projeto de extensão, que é o coro juvenil. E esse coro juvenil surgiu um pouco, porque eu tinha um coro de crianças da orquestra sinfônica brasileira, e as crianças foram crescendo, e eu não teria um outro lugar para que eu pudesse manter o trabalho com eles. E daí criei o coro aqui da UNIRIO, um projeto de extensão, e depois que eu criei, aconteceu o contrário: o coral da OSB terminou, terminaram com o grupo, e eu fiquei percebendo que eu não teria crianças musicalizadas desde pequenas, então, as pessoas que entravam jovens, mas inexperientes. Então, eu queria manter o nível do coro bacana e tudo, então falei ‘Ah vou criar um coro de crianças’. Além de eu achar que é um trabalho importante, lá eu conheço o padre, que é o presidente, Pe. Manuel de Oliveira Manangão então me deu a oportunidade de fazer um coro numa escola que tem um trabalho social, uma escola católica assistencialista, me permitiu trabalhar com crianças que não teriam oportunidade de ter uma educação musical assim tão bacana. Então eu fui pra lá e resolvi formar um coro de crianças, e depois que eu comecei, a minha ideia foi exatamente, trabalhar com as crianças desde o 4º ano até o 9º ano, então estariam cantando desde uns 8 ou 9 anos até uns 14, 15, que seria a idade para entrar no juvenil. Então, seria uma forma de preparar e eu manter aqui o grupo recebendo jovens com experiência”.

2) quais foram as primeiras medidas para formar o coro?

“Na verdade, assim: a minha esposa Madalena tem um coral de senhoras nessa igreja Santa Margarida Maria, na Lagoa, que é ao lado da Pequena Cruzada. E, eventualmente, eu vou lá. De vez em quando, tem umas festas e tudo, e conheci o Pe. Manuel de Oliveira Manangão, que é o padre responsável pela igreja e ao mesmo tempo é o presidente do centro educacional Pequena Cruzada, é o diretor, uma figura acima. É mais simbólica, porque não trabalha no administrativo na escola, mas ele tem uma ascendência administrativa. Aí, eu falei com ele que eu tinha muita vontade. E ele é um cara que estudou música, é um padre que estudou oboé e ele tem uma formação musical muito bacana. E ele me falou que o sonho dele era que lá na escola tivesse um coro, aí eu falei ‘ Ah então vamos fazer’, e daí, juntou com a ideia de fazer um braço do projeto de extensão do coro juvenil, faz parte do projeto de extensão, e os alunos da UNIRIO têm a possibilidade de

estagiar com um coro de verdade, de ter um coro com crianças para poder fazer esse trabalho. Então achei que juntava tudo”.

3) como o coro foi divulgado para os alunos?

“Eu acho que não foi divulgado não, foi assim: ‘hoje tem aula de coro’ hahaha. Elas chegaram lá, na hora do ensaio mesmo, a professora falou ‘oh vamos pro ensaio do coral’. E acho até que a própria escola, a princípio, tinha um pouco de apreensão se a gente ia dar conta de lidar com as crianças, como íamos lidar com aquela situação. Então, tinha sempre uma professora ou uma funcionária da escola acompanhando os ensaios. Acho que era mais a questão da disciplina, como que a gente iria disciplinar as crianças. Aí, depois que eles perceberam que a gente já tinha experiência e que o próprio trabalho musical realiza isso. A criança sempre faz um pouco de bagunça, mas você consegue, tendo o interesse delas em fazer a atividade, ter uma concentração”.

4) quais eram os dias e horários de ensaios?

“Ensaio sempre às quintas-feiras de manhã. A gente ensaiava de acho que era 9:30 as 10:10, eram 40 minutos, depois o outro grupo ensaiava até as 11 horas. Agora esse ano eles ampliaram, são 50 minutos pra cada grupo, e tem um intervalinho de 20 minutos, começa 9:10 e termina 11:10”.

5) Quais os materiais que o senhor já tinha disponíveis para o coro”?

“Eu trabalho com coro há muito tempo, né, então, assim, eu tinha muito repertório, tinha muita partitura, como tinha também um material de aquecimento vocal, vocalizes, algum material voltado para a educação musical, musicalização, pra trabalhar leitura rítmica...”

6) O instrumento utilizado nos ensaios era seu ou da escola?

“Ah eu pedi o instrumento da escola. Quando a gente tinha só o quarto ano, eu usava só o teclado da escola. Depois, quando inseriu o quinto ano esse ano, porque minha ideia é cada ano inserir um ano, aí tive que levar o meu teclado, porque eles só tinham um lá.”

7) Além dos instrumentos, havia um espaço adequado na escola para os ensaios de coro?

“Eu gostaria que tivesse uma sala de música, em outras condições: com cadeiras do tamanho das crianças. Isso é uma questão delicada, e eles não tinham esse espaço. Eles até têm um espaço que tem uma aula de percussão corporal, Método do Passo, mas é uma sala também que

não é muito apropriada, não tem cadeira..., então, eles cederam a capela, e eu falei ‘então tudo bem’, na verdade, tradicionalmente, coro é uma coisa que nasceu dentro da igreja (o coro ocidental que a gente entende). Então, tem uma acústica boa, é um espaço tranquilo, silencioso, que a gente podia trabalhar, então não achei ruim, e esse ano, como a gente abriu mais um ano, eles cederam o auditório, e, então, fica o quarto ano na capela e o quinto ano no auditório. Nenhum deles é um espaço ideal. Na verdade, um espaço ideal para mim seria uma sala bem ampla. Eu gostaria de ter um piano que não fosse eletrônico, eu gostaria de ter cadeiras em que as crianças pudessem se sentar confortavelmente, do tamanho delas. As cadeiras são grandes, altas demais, então elas nunca se sentam de forma confortável, então, por isso, não é a situação ideal”.

8) a quantidade de alunos no primeiro ensaio foi satisfatória?

“Sem dúvida. Foi uma turma inteira, cada turma com umas 22 ou 23 crianças. É um número bom. De vez em quando, a gente juntava as turmas, porque em coro de crianças, a potência, é uma coisa que se conquista aos poucos. Você tem que trabalhar com leveza..., ter mais quantidade, você consegue uma sonoridade maior, não adianta você querer puxar pressão das crianças pra querer cantar muito forte que elas começam a não afinar. Então, 40 crianças é um número bacana”.

9) E qual era a faixa etária dessas crianças?

“Quando a gente começou com o quarto ano, elas tinham em torno de 8 e 9 anos. Eram duas turmas, turma 41 e turma 42”.

10) os alunos já tinham alguma experiência com canto coral e musicalização?

“Acho que não. Alguns cantavam na aula de catequese na igreja, mas não era canto coral propriamente. Eles tinham algum trabalho do Método do Passo”.

11) Qual repertório que o senhor utilizou inicialmente com o coro e por que esse repertório?

“Eu trabalhei um pouco de canção folclórica, canção popular brasileira, mais pela questão do idioma..., eu também peguei algumas músicas que elas tinham uma certa interseção com o universo religioso católico. Então, por exemplo, ‘Dorme meu anjo lindo’. Peguei também a ‘Suite dos pescadores’, do Dorival Caym, que fala de Deus..., então peguei músicas que tinham cunho popular, e uma interseção com essa questão religiosa católica”.

12) O senhor dividia as funções do coro?

“Tem os alunos, uns fazendo estágios e outros são bolsistas do projeto de Extensão e apoiaram. Então, tinha pianista correpetidor, tinha a pessoa que lidava mais com o trabalho de aquecimento corporal, outros faziam o aquecimento..., mas eu gostava que circulasse um pouco para que os alunos pudessem experimentar várias funções. Eu acho isso interessante, não ficar parado na mesma função”.

13) Quais os principais objetivos desse grupo?

“Começar musicalizar desde cedo, para que a criança tenha oportunidade de ter uma experiência mais profunda nesse sentido, dar uma formação estética, dar uma formação física, no sentido de conhecer seu aparelho fonador, como respira, como canta, reconhecer se está cantando afinado, se não está. Ter a vivência desses elementos, para depois serem transportados para um conhecimento teórico, pois a gente sempre acredita que é importante primeiro a criança vivenciar esses elementos musicais, para que depois eles possam entender teoricamente”.

14) O senhor teve dificuldades para começar o coro na escola?

“Eu, na verdade, até me surpreendi, foi ao contrário, foi mais fácil do que eu imaginava. Eles tiveram uma receptividade, eles gostaram muito de fazer a atividade, e isso é o principal”.
a localização no texto. Cada lista deve constar em uma página específica.